

LOUCURAS DA FÉ NO CINEMA: A (DES)OBEDIÊNCIA DE DULCE DOS POBRES

LES FOLIES DE LA FOI AU CINÉMA : LA (DÉS)OBÉISSANCE DE DULCE DOS POBRES

Carla Luzia Carneiro Borges¹

Resumo: Discuto, no âmbito dos Estudos Discursivos Foucaultianos, o modo de subjetivação de uma mulher religiosa, no filme Dulce dos Pobres (2013). Tomo a relação loucura e fé como espaço de produção de um discurso de controle e interdição do ser religioso e de suas condutas, no interior de práticas cristãs, as quais indiciam momentos de desobediência de Dulce e da constituição de uma subjetividade santa para manutenção da ordem em que congrega.

Palavras-chave: Discurso; Loucura; Desobediência

Résumé: Je discute, dans le cadre des Études discursives foucaultiens, le mode de subjectivation d'une femme religieuse, dans le film Dulce dos Pobres (2013). Je prends la relation entre la folie et la foi comme un espace de production d'un discours de contrôle et d'interdiction de l'être religieux et de sa conduite, au intérieur des pratiques chrétiennes, qui indiquent des moments de désobéissance de Dulce et la constitution d'une subjectivité sainte pour maintenir l'ordre dans lequel il se rassemble.

Mots-clés: Discours; Folie; Désobéissance

INTRODUÇÃO

Início esta incursão pela linguagem da loucura, em seu ponto de encontro com o religioso, o que deriva num discurso de saber/poder que é constitutivo dos sujeitos desobedientes (GROS, 2018). Elegi essa temática exatamente por eu ter percebido a relação importante e frutífera que Foucault estabelece entre loucura e linguagem, algo que me inquietou muito. Pensar essa relação me fez questionar, nos moldes das questões costumeiramente postas no âmbito dos estudos discursivos foucaultianos: em que momento Michel Foucault começa a estabelecer essa relação? O arqueólogo do discurso pergunta sempre em que momento da história deu-se determinado acontecimento. Daí acredito ser necessário perguntar hoje em que momento da história e obra de Foucault se deram essas aproximações ou distanciamentos entre determinados temas,

¹ Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Departamento de Letras e Artes. Líder do Linguagem, Sociedade e Produção de discursos (LINS/UEFS/CNPq). Email: clcborges@uefs.br

especificamente, entre os temas da loucura e da fé? E mais curiosa ainda fico para saber em que momento Michel Foucault começa a aproximar a loucura de linguagem, seguindo para loucura e literatura, loucura e as artes de um modo geral?

Eu preciso confessar, num exercício parresiástico, que tenho formação no catolicismo e que as questões de fé me inquietam, me provocam a me perguntar como que eu, estando no interior dessa formação, consigo dar conta desta leitura de Michel Foucault. Assumo que as leituras têm que ser mesmo da ordem do incomodar, para nos inquietar e sairmos do lugar de conforto. Assumo que, cada vez que leio Foucault, é como se eu estivesse sendo tomada por ondas intensas, que me acordam, me chamam a atenção para determinadas questões que, às vezes, não pensava antes.

Enfim, assistindo ao filme *Dulce dos pobres* (2013), percebi algumas questões que me possibilitaram tecer aproximação desse filme com a noção de loucura que Foucault desenvolve. Dessa forma, pensar essas loucuras da fé em relação com e a loucura, da loucura com a linguagem artística, que é o cinema. Esta relação é também uma base para analisar a aproximação que Foucault já faz de loucura com religião e com cristianismo, tema bem persistente e transversal na História da loucura (FOUCAULT, 2017) e no quarto volume de História da sexualidade (FOUCAULT, 2019).

APROXIMAÇÕES LINGUAGEM E LOUCURA

Do livro Elogio da Loucura, de Erasmo de Rotterdam, um ensaio escrito em 1509 e publicado em 1511, destaco o seguinte enunciado, entendido em seu funcionamento discursivo, na perspectiva de Foucault (2004): “A vida humana nada mais é que um brinquedo da loucura” (ROTTERDAM, 2012, p. 114). Foucault, inclusive, faz um comentário sobre este enunciado, o que vou mencionar mais adiante. Importa, no momento, destacar que essa perspectiva de Erasmo de Rotterdam, de a loucura falar provoca pensar do lugar do sujeito da loucura, ainda que não seja exatamente nos moldes da loucura que fala, para Foucault. Retomando Elogio da Loucura, percebi um propósito de personificar a loucura. Com isso, Rotterdam, de certa forma, ajuda-nos a pensar que “essa vida humana nada mais é que um brinquedo da loucura”. Imaginemos nossa vida nas mãos da loucura, essa experiência de aproximação do sujeito com loucura como pertencente a nossa própria vida cotidiana.

Há outra passagem do texto de Rotterdam que nos possibilita ir entrando nessa dimensão da loucura, distanciando-nos de uma visão patologizada: “*Quem melhor do que eu poderia descrever-me*” (ROTTERDAM, 2012, p.14). É a própria loucura que fala, personificada. Ao comentar o modo como as ciências foram introduzidas entre os homens, alegando terem sido juntamente “com outras calamidades da vida mortal, por obra daqueles de que saem todos os males, os demônios” (ROTTERDAM, 2012, p. 47), o autor ressalta que entre as ciências, as mais apreciadas, são as mais próximas do senso comum, ou seja, da Loucura, destacando que os teólogos têm fome, os físicos passam frio, os astrólogos são ridicularizados e os dialéticos são desprezados. A loucura começa a ganhar uma dimensão microfísica, dispersa na sociedade, inclusive nas ciências. Este ponto me chamou atenção, quando ele aproxima esse senso comum da loucura, com essa aproximação, é possível começar a entrar nesse modo de pensar a loucura, nesse deslocamento que não é a loucura dentro desse campo médico.

Há várias passagens do História da Loucura em que Foucault declara que sempre a loucura é falada por quem está autorizado a falar de loucura, sendo necessário sempre nos perguntar: quem está autorizado a falar de loucura? A princípio, é possível responder, com base no status da ciência, que temos a psiquiatria como esse lugar que está autorizado a falar da loucura. Mas insurge esta voz de Erasmo de Rotterdam, trazendo a loucura personificada, falando de si, perguntando quem poderia melhor do que ela mesma descrevê-la.

Começo, então, a trazer para uma discussão talvez inusitada, por seu viés de investigação e análise, essa ideia de loucura que se aproxima mais do cotidiano, dos sujeitos. Rotterdam, na passagem cita anteriormente, explica que os teólogos têm fome, os físicos passam frio, são ridicularizados os astrólogos, os dialéticos são desprezados. Então, ele fala dessa loucura de quem está próximo mesmo do senso comum e não no seu lugar de prestígio para falar da loucura, mas essa loucura que fala desse outro lugar.

Ainda considerando Rotterdam (2012, p. 114-115), no ponto de convergência que talvez mais se aproxime de minha discussão, destaco a ideia de que não há louco que pareça mais louco do que aqueles que se entregam ao fogo da caridade cristã, pois tão pródigos são de seus bens, que a tal ponto perdoam ofensas, toleram os enganos, não fazem distinção entre amigos e inimigos, têm horror do prazer, além disso os jejuns, vigílias, lágrimas, fadigas, injúrias são o seu alimento, sendo completamente desapegados

da vida e só desejam a morte. Parecem, na visão de Rotterdam, realmente insensíveis às exigências do senso comum, como se sua mente vivesse em outro lugar e não em seu corpo, perguntando, por fim: o que é isso senão loucura? Erasmo de Rotterdam já fazia essas questões em relação a esse modo de viver, nesse deslocamento para pensar loucura, enquanto esta personificação, existindo várias formas na nossa vida, no cotidiano e é essa parte especificamente que tem essa aproximação com a própria vida de Irmã Dulce, no sentido de que a sociedade a via como esta figura da loucura, que deixa toda sua vida para viver para o outro.

Vamos começar a pensar agora como Foucault está desenvolvendo, então, a noção de loucura. Da História da Loucura, fui selecionando algumas questões que vão dando alguns elementos para pensar na questão que eu coloquei no início que é em que momento Foucault começa a fazer uma aproximação entre loucura e linguagem. Foucault (2017, p. 23) declara que a loucura “*reina sobre todo o mau que há no homem*”. E segue perguntando: “Mas não reina também indiretamente, sobre todo bem que ele possa fazer?”. Então, essa já é uma pergunta que ajuda a pensar quem é o sujeito no filme Irmã Dulce, a personagem central, que tem uma correspondência com a vida real, e que de certa forma faz o bem, sendo vista como uma pessoa do bem, inclusive é chamado Anjo bom da Bahia. Por outro lado, sendo esta pessoa que faz o bem, pergunta-se até onde também nesse lugar, nesse sujeito que a princípio está fazendo o bem, a loucura também não está ali implicada? O autor alega também que só existe em cada homem porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta”. Então, é necessário também pensar essa loucura produzida pelo próprio homem, constituída por ele.

Michel Foucault, na História da loucura (2017), no capítulo sobre a Stultifera Navis, descreve sobre a nau dos loucos, no momento da história quando se levava para o mar aqueles que eram considerados loucos, os excluídos. Mas quem eram esses excluídos? Os leprosos, os doentes, pessoas que, de certa forma, incomodavam com suas questões, com suas posições, por suas desobediências aos reis, então, para essa nau iam todos aqueles que de certa forma estavam incomodando e que precisavam ficar distantes das cidades. Inclusive tem um momento em que Foucault vai lembrar que, mais tarde, a nau fora substituída pelos hospitais onde são internados tantos sujeitos e depois que esses hospitais, mais recentemente, começam também a ir de certa forma no movimento de

reforma. Isso nos faz questionar para onde vão os loucos ditos loucos que não vão mais para as naus e nem vão para os hospitais, qual é esse seu novo destino, quais são esses lugares aos quais os loucos pertencem hoje? Estão nas ruas, nos becos, nas favelas.

Podemos lembrar do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus, no qual ela fala desse lugar de segregação, da própria favela. Essa representação de uma nau que está no interior das cidades, fazendo parte da organização das nossas cidades ao tempo que parecem não pertencer a elas e até serem expulsas, atiradas ao mar das periferias. Até onde as naus de hoje não podem corresponder às favelas e guetos de um modo geral, às periferias que, de certa forma, vão abrigando esses sujeitos que estão à margem da sociedade e que de certa forma incomodam. Então, para onde vão essas pessoas? As naus urbanas vão seguindo e vão levando ainda e isolando da sociedade determinados sujeitos dados como loucos.

Foucault ressalta que, de certo modo, tudo o que havia de manifestação cósmica, obscura na loucura, tal como a via Bosch no caso da obra de arte, da pintura que faz a nau dos loucos, desapareceu em Erasmo de Rotterdam, a quem me referi antes. Diz ele que a loucura não está mais à espreita do homem pelos quatro cantos do mundo. Ela se insinua nele ou melhor é ela um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo. A personificação mitológica da loucura é, em Erasmo, apenas um artifício literário. De fato, há apenas loucura, formas humanas da loucura. “Há tantas estátuas quantos homens; basta dar uma olhada nas cidades, mesmo as mais prudentes e as melhor governadas” (FOUCAULT, 2017, p. 24). Quando Foucault faz esta análise, eu começo a pensar nessa ideia de existir, em Erasmo, essa personificação, como ele destaca, “nada mais é do que um artifício literário”, havendo “apenas loucuras”. Daí, sabendo do que Foucault (2004) entende como práticas e produção de saberes, em sua discussão acerca da produção do saber, fica bem visível que é preciso pensar a loucura como uma produção de saber também. Um saber sobre si, saber sobre o outro, saber sobre a sociedade. Foucault vai considerar um eixo de produção, que é o eixo das práticas discursivas, saber e ciência e quando ele considera esse eixo, possibilita que se inclua nele a loucura como esse saber, desdobrando-se nas práticas com a loucura e pela loucura.

Pensar loucura, nessa dimensão do saber, seria pensar na dimensão das práticas, atentos aos modos como a loucura acontece e quais são os espaços onde podemos perceber a loucura e os sujeitos loucos e como que tudo isso acontece. É necessário

perguntar: como esse lugar reservado ao sujeito da loucura é ocupado, quem são esses sujeitos que ocupam esse lugar, o que se diz sobre a loucura nos diversos espaços da sociedade? Enfim, é importante dar continuidade à cartografia da loucura iniciada por Foucault, de modo arqueogenealógico. Para entender esta rede de relações, há diversos procedimentos e noções da arqueologia foucaultiana que orientam este percurso metodológico e fundamenta os estudos discursivos.

A partir de Foucault, em sua incursão histórico-discursiva, aprendemos que não se pode ler o próprio Foucault, nem tampouco ler cotidianamente sem conceber uma base diagnóstica. Por exemplo, ler História da Loucura como uma fonte isolada, na individualidade da obra, não possibilita uma leitura em rede, na dispersão exigida pela arqueologia foucaultiana. Portanto, é preciso ler Foucault tendo em vista o que ele produz sobre saber/poder/ciência na Arqueologia do Saber, sobre discurso na Ordem do Discurso, sobre linguagem e ciências humanas, em As palavras e as coisas, então são várias os lugares e os objetos que vão se somando e que esta produção foucaultiana compõem e problematiza como elementos para que se entenda melhor o que ele constrói para pensar a loucura e fazer essa aproximação que eu disse, entre loucura e linguagem porque é isso que está me chamando atenção neste ensaio.

Na História da loucura, Michel Foucault (2017, p. 41-42) declara que nessa relação entre loucura e linguagem, “*a loucura é o trompe-l’oeil na estrutura tragicômica da literatura pré-clássica*”, então, esse *trompe-l’oeil* aponta para um determinado jogo do olhar, modo de ver a língua como uma estrutura com esse signo linguístico que tem uma organização, que tem um estrutura interna, bem organizada e que a gente acompanha de modo contínuo, mas está sujeita ao engano, à falha, é um nó na teia discursiva, o nó na rede, a brecha, a fratura de uma estrutura, essa coisa que “quebra” a língua. Então, a língua não é como se imagina, que seja como esse ordenamento que tanto tentamos impor quando estamos conversando, tentando manter essa estrutura em sua dita organização interna, mas é esse momento em que a linguagem em si se dobrasse e se quebrasse sobre ela mesma, provocando em nós um outro ritmo, um outro modo de organizar o dizer. Seria um pouco essa “*linguagem enlouquecida*” (FOUCAULT, 2016), essa linguagem que possibilita um outro modo de dizer, com outras possibilidades de organização.

Foucault (2017, p. 42) aproxima loucura de linguagem e por onde ele vai construindo esta relação? Quais são os caminhos que ele faz, então: “vê-se aparecer o

tema literário do Hospital dos loucos – linguagem da contradição e da ironia, a linguagem desdobrada da sabedoria”. Começa a aparecer também em obras literárias essa ideia do hospital dos loucos, várias figuras representativas, vários modos de falar disso, como ele entende, são contradições, ironia, então ele vai chamando essa linguagem desdobrada da sabedoria. “*A loucura deixou de ser uma figura escatológica. Ei-la amarrada solidamente no meio das coisas e das pessoas. Não existe mais a barca de Bosch, mas o hospital*” (FOUCAULT, 2017, p. 42). Então, é claro que ele vai dizendo isso, considerando meados do século XVII, falando desse momento da história em que ele vai trazendo como atualidade e nos fazendo pensar nessa relação entre a linguagem e a loucura, entre esta e o sujeito. O fato é que essa loucura que “não é mais escatológica”, não é mais aquela loucura como se fala de algo apocalítico, como um fenômeno que está presente no mundo do delírio, mas essa loucura que está perto, essa loucura que, cada vez mais, vai se configurando como saber e que vai se desenvolvendo numa prática discursiva.

Foucault (2016, p. 53-54) esclarece que “(...) *entre a linguagem e loucura, o parentesco não é simples nem de pura filiação, mas que a linguagem e a loucura estão ligadas muito mais, num tecido emaranhando e inextricável onde a divisão no fundo não pode ser feita*”. Esse é um trecho do texto chamado A linguagem enlouquecida, presente no livro A grande estrangeira, o qual se refere a uma série de entrevistas que Foucault deu em rádio na França e foram publicadas nesses textos que, na verdade, são orais, mas eles fazem transcrições datiloscritas das falas de Foucault. Foi num programa radiofônico intitulado *L’usage de la parole* (O uso da palavra), no qual ele fala do teatro e vai tecendo relações com a loucura, e com as artes de um modo geral, expondo sobre a literatura, quando faz referência ao Marquês de Sade que também está referido na História da loucura. A obra refere-se à segunda transmissão que foi feita na rádio, momento que Foucault consagra ao silêncio dos loucos, cujo texto é intitulado Silêncio dos Loucos, no qual ele vai relacionar loucura com festa e ele começa a fazer uma discussão sobre o teatro, enfim, começam a aparecer outros textos de Foucault, outros momentos em que ele começa a trazer como tema a loucura, aproximando com a linguagem e é exatamente isso que quero destacar: “que a literatura e a loucura hoje em dia... têm um horizonte em comum, a literatura e a loucura, numa espécie de linha de junção que é a linha dos signos” (FOUCAULT, 2016, p. 70).

Com base nisso, eu comecei a pensar a loucura como um modo de discurso, com essa aproximação, o que pude elocubrar porque, quando ele vai trazendo toda discussão sobre a literatura, abordando Dom Quixote, as obras de Marquês de Sade, destacando que Sade, sendo preso, ele escreve, colocando todo o seu desejo para fora, tudo o que ele sentia e que ele até vivenciava, que ele praticava, colocava na linguagem. Ele escreve sobre isso, então. Em todas as suas obras, ele deixa mesmo aflorar a linguagem é essa linguagem enlouquecida, pois ela, na verdade, incomoda, porque vai surpreender, inquietar, vai provocar outras reações, constituindo-se num espaço que é praticamente espaço de desdobramento do próprio sujeito ou com outras possibilidades desse sujeito ser, desse sujeito sentir, enfim, a partir disso, estou considerando essa loucura como um nó do discurso, aquele momento do discurso que realmente fratura, o ponto em que há o ruído, a quebra, a desordem, o incômodo. A loucura é, portanto, a palavra que provoca os desvios de rota, de posições, de práticas. No interior de uma instituição, seria o discurso que contesta regras ou que, minimamente, as infringe, ou ainda possibilita adequações, ajustes. Estou fazendo uma aproximação, a partir de Foucault, da linguagem com a loucura e já estou também começando a fazer uma relação de linguagem, loucura com instituição e afunilando para a instituição religiosa que é o caso do filme *Irmã Dulce* e é por isso que eu digo que no interior de uma instituição seria o discurso que contesta regras ou que, minimamente, as infringe, o que penso ser minimamente para marcar o caso de *Irmã Dulce*.

LOUCURA E FÉ: os santos modos de desobedecer

A instituição igreja, por extensão, uma congregação religiosa, em algum momento pode encontrar-se abalada por questionamentos e atitudes, ou pelo simples fato de alguém rejeitar condutas, quebrar as regras, ainda que atenda a princípios que lhes são básicos. Dessa forma, podemos aproximar paixão e insurreição, como anunciado inicialmente, produzindo um nó na fé e possibilitando modos de enfrentamento, com instantes de desobediência, ainda que numa vida dita plena de santidade.

Foucault discorre sobre o cristianismo, sobre o que é Deus dentro do cristianismo, sobre a presença de Jesus enquanto Deus encarnado, sua morte e essa paixão e glória de Jesus, sua ressurreição. Em meio a questões de poder pastoral e concebendo que onde há

poder, há resistência, começo a pensar nas loucuras da fé, que falam do lugar de Irmã Dulce, como sujeita que está ocupando um lugar, no qual a loucura fala, havendo uma linguagem da loucura nessa posição. Mas vamos pensar em que dimensão isso acontece, porque a questão é, pensando na loucura como esse nó do discurso, observar que eu tenho um sujeito, no caso considerado aqui, uma sujeita, para fazer essa resistência. Uso sujeita no sentido dessa posição ocupada por uma mulher, uma freira religiosa para pensar nesse lugar que ela ocupa, de onde a linguagem fala. Dulce, então, ocupa este entrelugar das loucuras da fé, entre obedecer ao regime disciplinar da congregação e obedecer ao seu eu mais solidário que, quando obedece a um, desobedece ao outro. Sua queda e sua glória. Esse nó do discurso religioso e missionário, porque essa prática que vai levar à desobediência em algum momento, e de certa forma vai significar um pertencimento e uma falta de pertencimento ou um desligamento de uma posição que ela obrigatoriamente teria que ocupar e não ocupa ou, pelo menos, as pessoas não entendem dessa forma, resultando no nó do discurso.

Começo pontuando, a partir da cena inicial do filme em questão, o movimento do olhar de irmã Dulce: seu olhar, suas mãos, o toque, as aproximações com as pessoas em situação de rua, com os sujeitos infames. Importante destacar este movimento porque na arte, isso é um modo de falar, é o corpo que fala e possibilita que pensemos como esse falar também a partir do corpo, foi isso que tanto incomodou a própria congregação que ao mesmo tempo permite que se olhe para essa cena e veja o que seria da ordem, se considerarmos uma ordem do discurso religioso e o que ela faz para estar dentro dessa ordem, satisfazendo a todas as exigências do que deveria ser um ideal de uma pessoa religiosa, mas ao mesmo tempo isso incomoda, é algo que faz com ela inclusive tenha uma vida difícil, não compreendida, vista como loucura.

Irmã Dulce nasceu em 1914 e morreu em 1992. Religiosa católica brasileira, nascida na Bahia, que dedicou sua vida a ajudar os doentes e os mais necessitados. Foi beatificada pelo Papa Bento XVI, no dia 10 de dezembro de 2010, passando a ser reconhecida com o título de “Bem-aventurada Dulce dos Pobres”. Foi declarada santa pelo Papa Francisco em uma celebração no Vaticano no dia 13 de outubro de 2019. O nome dela era Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, recebendo o nome de Irmã Dulce depois de religiosa e consagrada, tendo recebido o mesmo nome da mãe. Mas o que chama atenção aqui é pensar que tudo o que ela fez, começou com seus 13 anos, mas fora

recusada no convento por ser ainda jovem. Formou-se professora de educação primária e, no ano seguinte, entrou para congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, em São Cristóvão, Sergipe. Em 1934, ela fez votos de fé, tornando-se freira e recebendo o nome de Irmã Dulce, em homenagem à sua mãe. De volta a Salvador, já como freira, sua primeira missão foi ensinar em um colégio mantido pela sua congregação religiosa. Ela fundou a União Operária São Francisco junto com frei Hidebrando Kruthaup. Deve-se também a irmã Dulce, a criação do convento de Santo Antônio, que mais tarde vem a ser o hospital que ela fundou. Sempre foi muito envolvida com movimento operário e tudo o que ela fazia era muito voltado para a classe operária, para as pessoas trabalhadoras, para as pessoas que não tinham acesso a esses espaços de formação, de estudo, que não tinham emprego.

Início, então, uma leitura dessa biografia sob o olhar da produção fílmica de 2014, sabendo que existem outros filmes que falam de Irmã Dulce, mas eu elegi essa materialidade que está disponível na Netflix. Para começar a destacar elementos da subjetividade da personagem principal, lembro que Irmã Dulce é conhecida como “o anjo bom da Bahia” e que foi indicada ao Nobel da Paz, sendo beatificada pela igreja. O filme, de acordo com o anunciado nas redes, contempla da década de 1940 aos 1980, propondo discorrer sobre como a religiosa católica enfrentou uma doença respiratória incurável, o machismo, a indiferença de políticos e até mesmo os dogmas da igreja para dedicar sua vida ao cuidado dos miseráveis. Interessa no filme ver exatamente esse incômodo, sendo importante considerar essa linguagem do cinema, da arte que vai construindo o lugar ocupado por essa mulher religiosa, que realiza tudo aquilo que seria o correspondido ao ser religioso, mas de repente passa a incomodar a sociedade e sua congregação.

Destaco inicialmente que tem algumas imagens no filme que são próprias desse campo religioso, o ato de dar as mãos, fazer bem ao próximo, que tem essa simbologia da fé e do serviço. O filme começa com a cena de Irmã Dulce, ainda criança, andando em meio a pessoas em situação de rua, passando sua mão pelas paredes por onde anda. Sua mão, seu olhar para aqueles que estão em volta, a partilha de pães com os que têm fome, é uma cena que começa e que vai possibilitando pensar nessa linguagem do religioso que está condizente com o esperado para a posição que ela ocupa enquanto mulher religiosa, desde criança até ela ser consagrada. É o momento de prestarmos atenção quando ela faz o juramento de seguir todas as regras, determinações dessa congregação da qual ela

participa, mas ao longo do desenvolvimento do filme, começamos a ver momentos em que sinalizam para uma certa desobediência de Irmã Dulce.

Esses momentos que estou colocando como de desobediência de Irmã Dulce, vão na direção de esboçar o lugar da loucura nestes caminhos da fé no filme, como esse outro lugar do sujeito, esse desdobramento, esse lugar de enfrentamento porque assim ela se constitui e se subjetiva enquanto “anjo bom”, num embate entre o que é esperado dela, dentro da congregação, diante de todo regimento e disciplina, um lugar de controle. A cena em que chega atrasada para hora do jantar e da oração, mostra-se como espaço do enfrentamento em que ela, optando por primeiro socorrer alguém necessitado, declara saber do risco que corre, mas desobedece essa ordem. Com todas essas práticas como a de pedir ao ladrão para que ele arrombasse a porta de um imóvel fechado, para poder dar abrigo a quem precisava, inicialmente uma criança, mas depois ela começou a colocar outras pessoas. Começa, então, a aparecer momentos dessa desobediência, desse embate que vai de certa forma refletir esse lugar do discurso que se opõe a esse discurso dentro dessa ordem estabelecida. Outro momento de desobediência é aquele no qual ela desafia o próprio Santo Antônio, colocando sua imagem de cabeça pra baixo até que ela consiga o que deseja com as pessoas que acolhe nas ruas.

Destaco que, quando lemos, de certa forma fazemos um diagnóstico da realidade para pensar determinadas coisas e a arte, o cinema faz com que se produza vários sentidos para os cenários e acontecimento produzidos. Quando Irmã Dulce pergunta pra Santo Antônio: “Você está aí sem fazer nada, não vai fazer nada?”, é uma pergunta que de certa forma não é somente para Santo Antônio, pois, pensando no próprio discurso do filme, é uma pergunta para o próprio espaço religioso de onde ela sai e que na verdade fecha a porta literalmente, fecha a porta para esse outro lugar. E essa pergunta de desespero, podemos entender também como um momento de loucura, no sentido desse desafio de provocar essa insurgência, desse sujeito que está ali, se vê controlado, mas que quer fazer algo, ao mesmo tempo tem que passar por esse enfrentamento. Então, ela começa exatamente a fazer um questionamento que acho que vale para todos aqueles que estão naquela posição: de quem não está fazendo nada.

Os momentos de enfrentamento prosseguem. Há uma outra cena o pai, papel do ator Paulo Gracindo Júnior, quando ela vai solicitar ajuda do prefeito, que ele possa acolher as pessoas necessitadas. O prefeito fala seu posicionamento contrário ao que ela

pede, mas ela retruca, alegando que está escrito na Bíblia, que é para amar o próximo, “amar mesmo, com grifo”. Ela vai marcando esse lugar de confronto, de desobediência, produzindo um discurso que se confronta com um já estabelecido. O fato é que ela não consegue, nesse momento, a ajuda que buscava e as pessoas são expulsas do espaço do qual o prefeito exige sua saída, ordenando tirar os infames, pois Irmã Dulce está ocupando um lugar que não é para ser ocupado e vai ver as consequências. No decorrer da história, Dulce tenta levar as pessoas para um outro lugar, mas ela sofre uma queda, porque na expulsão ela é empurrada e tem que ir para o hospital, quando descobre a doença que tem, cujo sintoma é o fato de seus pulmões se fecharem e ela não conseguir respirar. Na cena da queda, na expulsão ordenada pelo prefeito, Dulce procurou defender e impedir que isso acontecesse, mas foi empurrada e o garoto que está sempre com ela, cujo nome é João, foi quem a amparou antes de levada para o hospital quando descobre que ela tem a doença que é congênita. Ela não fica no hospital, logo fugindo.

Tem-se, então, mais um indício da desobediência de Dulce, que saiu escondida porque precisava saber o que foi que aconteceu com as pessoas que ela ajudou, tirando da rua e que levou para o lugar de onde foram expulsos. Ela resolve conversar com sua superiora da congregação para levar essas pessoas para o convento, dando ideias de como pode fazer no espaço para recebe-los. A superiora responde assim: “não é você quem decide o que a congregação vai fazer. Você é uma freira e não Deus”. Ao que ela responde: “mas a senhora pode”. Há sem dúvida um enfrentamento bem peculiar, e na sequência, tem-se uma cena de um incêndio com o ônibus que ela estava conduzindo para levar essas pessoas, já que conseguira convencer a congregação de recebê-las. Ela tenta salvar a criança que fica dentro do transporte, conseguindo levar a criança e demais pessoas para o galinheiro. A história que é contada é que ela aproveita o espaço e aos poucos vai ampliando.

Começa, então, a acontecerem várias complicações. Inicialmente, o prefeito, proferindo um discurso num palanque, vai recebendo vários pedidos de Dulce. O atendimento a esses pedidos também vai alimentando um outro discurso próprio dessas políticas chamadas mais populistas. Ao tempo que mostra-se desejosa de suprir carências da população, vê-se encurralada com pedidos da natureza dos de Dulce que são de natureza contínua e visa a tirar pessoas carentes da condição de infâmia. Dulce insiste sempre e esta é uma atitude que incomoda os poderosos. A insistência pode ser

considerada como uma prática de desobediência de irmã Dulce, especialmente quando, na frente de todo mundo, recebe o microfone para falar do que já teve de ajuda do prefeito, das contribuições que teve para ampliar o galinheiro e de certa forma exaltá-lo, mas ela aproveita para cobrar mais do prefeito. Também há um momento em que ela pressiona Santo Antônio, alegando que ele tem que ajudar. Há outra situação em que a polícia adentra o espaço, porque o menino não poderia ficar na congregação, sendo de menor teria que retornar para sua família. A criança não se sente bem acolhida na família e entra para uma vida de uso de drogas. A congregação alega seu receio de que de certa forma se diga que estão acolhendo “marginais”, pessoas que não podem estar ali e aí que começa o conflito.

Foucault (2003), discorre sobre o momento em que o sujeito infame se confronta com o poder. Assim é aquele sujeito desobediente, em um espaço religioso. Neste caso, temos uma situação que, ao mesmo tempo seria de acolhida, não acolhe, o sujeito (o garoto João) estando envolvido com algum tipo de conduta que fere a ordem religiosa, não deve estar lá. Esse é o momento do conflito, em que a polícia adentra o espaço, procurando esse garoto que, a partir da metade do filme, vai sendo mostrado já maior, um rapaz. O João que era aquele menino, hoje é adulto e adentra um terreiro de candomblé, pois tem sua mãe de santo, de quem beija a mão e pede ajuda. Dulce sai a sua procura e pede licença à mãe de santo, entrando no terreiro, perguntando onde é que está o menino. No convento, começam a vir autoridades para dizer sobre o perigo de expor o nome da congregação. Dulce faz uma pergunta, parecendo questionar o objetivo-base da instituição: “como assim expor o nome? Esses sujeitos não merecem uma segunda chance?” As autoridades impõem-na uma escolha: ou ela pára de fazer isso ou serão obrigados a fechar o convento. Chamam sua atenção para que pense bem na resposta que dará. Ela, então, inclina a cabeça, num gesto que lembra o Cristo em seu momento final de entrega (ou resistência?) na cruz. Não responde nada, silencia-se, dando a entender que sua escolha é pelos pobres. Neste momento, uma das autoridades presentes apresenta o que seria uma solução, o que ele alega ser uma brecha dentro dos regimentos: Dulce permanecer no convento, mas na condição de exclaustrada. O termo é usado para exprimir a condição de saída das demais religiosas do convento, deixando Dulce sozinha, em seu claustro, não pertencendo mais à congregação, seguindo uma vida isolada para que ela possa continuar com suas ações, ainda usando o hábito, mas sem comprometer a conduta

de toda a congregação. Ela fica durante dez anos nessa condição. Segundo Foucault (2014), a loucura, em qualquer sociedade, é, antes de tudo, o que é excluído, cabendo perguntar sempre: “Que forma de loucura se exclui? Como se exclui a loucura? Como se recorta e se traça um limite entre o que é razão e loucura? (FOUCAULT, 2014, p. 315)

Este acontecimento possibilitou que eu pensasse numa microfísica da loucura, momentos de enfrentamento cotidianos que Dulce vai tendo, ao tempo em que ela professa aquela obediência prometida quando de seus votos de fé, no início do filme. Ao mesmo tempo que ela professa essa fé, ela desobedece em vários momentos a várias regras, culminando com este exclaustamento, que a fez sofrer muito. Foi um período em que ela recebeu ajuda de todo tipo até o momento final do filme que culmina com a visita do Papa ao Brasil.

No altar montado para recepção pública da autoridade máxima da igreja, Dulce tem assento, mas não teve, inicialmente, seu nome incluído na lista das autoridades autorizadas a estarem presentes neste lugar de honrarias. João, agora rapaz que já está de volta, mobilizou a comunidade com abaixo-assinado para conseguir que o nome do “anjo bom” fosse incluído na lista e ela por fim pudesse subir naquele lugar ao lado do Papa, quando teve seu primeiro contato a referida autoridade católica. Era um sonho que ela tinha e, mais uma vez, temos mais uma cena no filme, entre outras já comentadas, das mãos de Dulce. Ela faz o gesto de colocar a mão na face do garoto, como se fosse o gesto da pietá, com o filho no colo. Ela vai adentrando o espaço onde será recebido o Papa, passando suavemente uma das mãos pelas paredes. O filme culmina com este momento de glória e louvor de Dulce por ter conseguido este lugar tão pleiteado que, de certa forma, a subjetiva enquanto anjo bom.

Dulce, entre ser o “Anjo bom da Bahia”, como tem sido sempre referida na mídia, a Santa Dulce dos pobres, e estar para além do bem e do mal. Destaco uma passagem de Nietzsche (2012, p. 53), em O anticristo: “*Anteriormente (Deus) era o representante de um povo, a força de um povo tudo o que havia de agressivo e sequioso de poder na alma do povo, agora ele é apenas o bom Deus...*”. Ao mostrar essa figura do Deus que foi subjetivado ao longo da história do cristianismo, que se torna o bom e piedoso, devendo ser imitado pelas pessoas religiosas, reflete a imagem do anjo bom da Bahia, materializado em Irmã Dulce. Sua imagem parece confrontar essa perspectiva do divino dentro do cristianismo com o que que no “budismo é centenas de vezes mais realista do

que o cristianismo (...) O budismo é a única religião genuinamente positiva a ser encontrada na história (...) Ele não fala em “luta contra o pecado”, mas sim fazendo jus à realidade em luta contra o sofrimento”. (Nietzsche, 2012, p. 53). Eis, então, a razão da loucura de Dulce dos pobres. Ela está nesse limiar do servir à congregação ou servir ao mundo. Retomo aqui a ideia da loucura como esse nó do discurso. De um lado, temos a visão de quem está no cristianismo, subjetivado como esse anjo bom da Bahia, piedoso que, de certa forma mantém o status do sujeito que pratica a caridade e luta contra o sofrimento ao tempo que possibilita que se pense no que viveu Dulce, no interior da própria instituição que a consagrou anjo bom. O que no Anjo bom incomodou tanto ao ponto de ela ser excludada? Esse é o nó do discurso, esse limiar entre o que foi um enfrentamento e o que, a princípio, era o que ela tinha que fazer, sendo religiosa, de uma linha mais franciscana, abdicando de várias coisas para poder servir ao seu próximo. Vejamos o que foi destaque na edição jornalística, ressaltando que foi a freira que disse, em 1989, em entrevista para o documentário Mãos Carinhosas produzido pela TV Canção Nova e está no Correio da Bahia:

Quando eu virei freira a minha cabeça estava mais mirada em ajudar os pobres e naquela época todo mundo estranhava porque eu vivia o dia todo na rua o povo falava que não era certo para uma religiosa viver o dia todo na rua mas eu tinha licença por escrito da minha madre geral para me dedicar a essa vida interiormente eu sabia que era isso que Deus queria que eu fizesse um apostolado direto com o povo.

Essa publicação vai reafirmando a desobediência, ao mesmo tempo destaca o modo como Dulce percebia a reação das pessoas, diz que o povo estranhava mas que ela tinha essa “licença”, possibilitada pela condição chamada de excludação. Dulce continuava como freira, mas, isolada, silenciada, não devia obediência às regras da congregação. A sobrinha de Dulce, a médica Marta Lopes Pontes recorda da mudança no funcionamento do hospital nesse período:

Eu interpretava aquele momento como uma vitória de Irmã Dulce. Eu dizia que as freiras quiseram colocar ela para fora, mas foi ela que venceu e as freiras que saíram. Eu achava ela forte e vitoriosa. A igreja naquele momento abandonou Irmã Dulce, mas foi a melhor coisa que pôde acontecer para ela. Quando ela ficou sozinha foi uma alegria para a família apesar do sofrimento que ela passou porque nós podíamos vir mais visita-la e com menos regras.

Para deixar bem marcado esse lugar da loucura, é preciso observar que Dulce está seguindo uma ordem a princípio prevista, e é isso esse nó do discurso, como já dito antes, que dentro do religioso, insurge uma voz que incomoda, desestabiliza. A loucura é apresentada, portanto, também como este distanciamento de si para cuidar do outro, uma loucura que se aproxima do cotidiano, daquele senso comum definido por Rotterdam. “Ela sofreu muito”, ressalta sobrinha sobre período que freiras abandonaram o Anjo bom da Bahia. Tem, ainda, o depoimento que valida, de certa forma, esta perspectiva da desobediência, dos santos missionários, alegando que tanto Madre Teresa de Calcutá como Irmã Dulce tiveram, nas suas vivências terrenas, que se confrontar com as normas vigentes do seu período. O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger, acredita que esses santos mais contemporâneos têm uma subversão natural aliada à falta de compreensão pelo tempo que viviam:

os santos sempre foram subversivos eles sempre destacaram valores que a gente não percebia mas acima de tudo sempre no sistema da caridade eles não buscavam fama nem reconhecimento eles buscavam a melhor forma de atender ao necessitado e às vezes a autoridade religiosa da época não tem a mesma visão os santos têm a capacidade de serem a voz de Deus na terra eles vão chamar a atenção da sociedade de valores que não são comuns no começo estremece porque os santos são subversivos mas eles abrem novos horizontes².

Essa fala do arcebispo, Krieger possibilita começar a pensar como foi que esse momento que eu estou chamando de “loucura”, desse nó nesse discurso, como que ele foi apaziguado e resolvido. É uma fala que, de certa forma, já vai começando a amenizar a situação, pois o curioso é que ela teve dez anos de distanciamento da congregação, mas sua santidade irrompe e culmina em sua reintegração, sendo, na atualidade, eleita santa.

Há uma página no UOL, Aventuras na História, que retoma esta narrativa e enfatiza que a intervenção de Irmã Dulce cresceu porque ela usou o galinheiro da congregação para colocar setenta enfermos. Destacam que era o começo de um legado vigoroso em prol da saúde das classes desfavorecidas, que sua intervenção cresceu e em 1959 recebeu o estatuto de Obras Sociais Irmã Dulce. No ano seguinte, foi, então,

² Fonte: <http://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/quando-a-igreja-virou-as-costas-para-irma-dulce/>

inaugurou o Albergue Santo Antônio com 150 leitos, no entanto, a dedicação ilimitada ao trabalho social custou caro, pois suas irmãs da congregação entenderam que a freira estava distante das rotinas da clausura e por isso passou de 1965 a 1975 pelo período de exclausuração. Relembra que, em 1988, seu nome entrou na disputa pelo prêmio Nobel da Paz por indicação do presidente José Sarney e que seus esforços teriam sido reconhecidos.

Retomo, por fim, essa relação da loucura com o cristianismo, na visão de Foucault (2017, p. 155), quando discorre sobre o cristianismo clássico e destaca a loucura da cruz, que esta é apenas para humilhar uma falsa razão e fazer jorrar a luz eterna da verdadeira razão. Foucault destaca, ainda, que a loucura de Deus constitui o homem e é apenas uma sabedoria que os homens desatinados não reconhecem e que eles vivem neste mundo. Jesus crucificado, resalta Foucault (2017, p. 157), foi o escândalo do mundo e surgiu como ignorância e loucura aos olhos do século. Para o cristianismo da Renascença, todo o valor do ensino do desatino e dos seus escândalos estava na loucura da Encarnação de um Deus feito homem. O mundo, frisa Foucault (2017, p. 157), tornou-se cristão e essa ordem de Deus que se revela através das peripécias da história e da loucura dos homens, mostrando agora que “Cristo se tornou o ponto mais alto de nossa sabedoria”. Vejamos que Foucault já vai trazendo toda uma avaliação da loucura em vários lugares e inclusive dentro do cristianismo como esse lugar do Cristo que foi crucificado, o divino que foi à loucura e se constituiu no grande escândalo do mundo, depois se converte numa sabedoria que nos faz crer que aquele que não entendeu o próprio Cristo é que, na verdade, está nesse lugar de desatino.

A loucura, frisa Foucault, é o ponto mais baixo da humanidade ao qual Deus consentiu em sua encarnação, querendo mostrar com isso que nada existe de inumano no homem que não possa ser resgatado e salvo, o ponto último da queda foi glorificado pela presença divina e é esta lição que a loucura ainda fornece para o século XVII. É esta a ideia que ele começa a esboçar, referindo-se ao que está em Confissões da Carne (FOUCAULT, 2019), acerca das penitências, da queda do homem, da ideia do próprio pecado presente na Bíblia. Essa queda que, na verdade, também vai levar a uma glória e ressurreição. Foucault defende que isso tudo se configura nesta lição que a loucura fornece justamente porque no momento de queda, dá-se a glória, no momento da paixão,

tem-se a ressurreição. São esses contrapontos, esses nós do discurso que vão constituindo o que estou chamando de loucuras da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse jeito de amar o próximo de Dulce dos Pobres tem um sentido legitimado pela instituição e por toda a sociedade, que fora anunciado por ela, no filme: “Eu estou falando, prefeito, é amar, amar com grifo”. Essa fala tão incisiva parece colocar o poder público e a sociedade no lugar de quem não faz o que de fato seria uma prática cristã, já que suas ações são entendidas como algo fora do que está previsto para uma freira, como loucura. No início do filme, há um momento em que ela ouve o seguinte enunciado, no sentido foucaultiano: “Você é apenas uma mulher”. É uma fala que está atravessada pelo modo como a mulher é vista, em especial, no cristianismo, como dócil, frágil e servil. Essa dimensão do amor que só Deus poderia ter, mas está numa insignificante mulher e freira. Foucault desenvolve esta concepção de uma linguagem enlouquecida que é como se fosse uma torção do próprio signo, ao mesmo tempo que sabemos que o seu sentido não é aquele sentido exatamente, não sendo estável, mas sempre em constituição e atravessado pelas relações de saber/poder.

A fala de Dom Mutilo Krieger³, arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, destacando a necessidade de que os santos todos sejam subversivos, exige que se pergunte em que grau de subversão, pois não se sabe, ao certo, se todos são subversivos:

Os santos sempre foram subversivos. Eles sempre destacaram valores que a gente não percebia, mas acima de tudo sempre no sistema da caridade. Eles não buscavam fama nem reconhecimento. Eles buscavam a melhor forma de atender ao necessitado. E, às vezes, a autoridade religiosa da época não tem a mesma visão. Os santos têm a capacidade de serem a voz de Deus na terra. Eles vão chamar a atenção da sociedade de valores que não são comuns. No começo, estremece porque os santos são subversivos, mas eles abrem novos horizontes.

Depois de dez anos exclaustrada, surge esta voz de uma autoridade da igreja que começa a alinhar e acomodar as coisas, num gesto de justificar o que estavam chamando

³ Disponível em <http://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/quando-a-igreja-virou-as-costas-para-irma-dulce/>

de loucura, no interior de uma santidade que, a princípio, seria o contrário da subversão, vindo para pregar o amor. O sujeito que fala, do lugar de autoridade religiosa, produz um discurso que insurge para manter, de outra forma, a ordem estabelecida.

Podemos perguntar, então, quais são essas loucuras da fé em Dulce dos pobres, ocupando um lugar que vai da queda à glória, nessa perspectiva que Foucault está trazendo dentro do cristianismo. Foi, portanto, escolher um caminho que de tão perto do que de fato significa a religiosidade provocou o incômodo por aproximar-se das vidas infames, ao invés de silenciá-las e excluí-las, sendo solidária no lugar de praticar a caridade, adentrando espaços distintos daqueles permitidos para uma pessoa de fé, pois, ao longo do filme, ela encontra-se em lugares e situações que se distanciam de sua formação, a exemplo da situação em ela pede ao ladrão sua ajuda para arrombar uma porta e entra também em um terreiro de Candomblé, espaço que a princípio representa modos de pensar diferentes de sua formação religiosa.

Contestar regras, não cumpri-las, dedicar-se mais às ações externas do que às ações internas de promoção da instituição, são práticas que também tiveram lugar na vida de Dulce. O que ela faz é mais para os outros, para o que está fora da instituição do que fomentar as ações da própria instituição, inclusive tem algumas dessas notícias que mostra que um dos motivos também de ela ter sido excluda é exatamente o fato de ela começar a fazer muitas dívidas porque, para cuidar daqueles doentes todos, ela também se endividava e endividava toda a congregação, então isso prejudicava a instituição e, por isso, ela teve que ser punida. Então, acatar ser isolada de seu espaço de formação, tendo feito votos de obediência, foi um modo de atender ao seu desejo de servir ao outro e desobedecer às regras de sua instituição. Relembro a cena em que o Papa chega ao Brasil e ela tem um espaço para falar de sua obra. O que estava dado como loucura, começa a se constituir em um saber: quem sabe fazer o que Irmã Dulce faz, vai para glória. Ela vai se constituindo nesse lugar de “fazer o bem”, o que vai funcionar como lastro para ela virar santa. A igreja, de certa forma, dá um outro sentido para esse discurso de loucura, o que a beneficia, pois hoje temos a primeira santa baiana, brasileira e mulher. Essa loucura da fé, então, vira sabedoria uma década depois, tendo sua glória hoje no reconhecimento da sua santidade: não mais Irmã Dulce, mas Santa Dulce dos Pobres.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade IV – As confissões da carne*. Tradução Miguel Serras Pereira; Revisão Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. Tradução José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A grande estrangeira: sobre literatura*. Tradução Fernando Scheibe, 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos X: filosofia, diagnóstico do presente e verdade*. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. 1ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV – Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.

GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Tradução Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Nietzsche, Friedrich. *O anticristo*. Tradução Carlos Duarte e Anna Duarte; notas H.L.Menckel. São Paulo: Martin Claret, 2012.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Tradução Paulo Sérgio Brandão. 3ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2012.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aceito em março de 2022.